



## METRALHADORAS

Ele lembrou ainda o exato momento da solenidade de entrega da Carta Sindical:

- Naqueles vãos que existem nas passarelas da Laminação a Quente, de dois em dois metros, tinha um soldado com a metralhadora na mão, apontada para a cabeça dos dirigentes sindicais. Na hora que o locutor oficial, que eles trouxeram, anunciou a entrega, só se ouvia o barulho dos soldados armando as metralhadoras, vol-

tadas para a cabeça dos dirigentes. Assim foi fundado o sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Ipatinga – arremata, em tom de ironia, completando que, em 1965, “esta foi a grande festa do 1º de Maio, que o governo sempre patrocinava”.

Sem entrar no mérito da simbologia de tal gesto, obviamente intimidatório, Ascy ressaltou que era uma atitude desnecessária, até porque nenhum dirigente de Ipatinga

jamais havia feito qualquer declaração contra o regime militar. Entretanto, reconhece que a liberação da Carta Sindical naquelas condições e naquela época, era uma clara manifestação de que os trabalhadores, ainda que tivessem oficialmente reconhecida sua organização, deveriam manter suas manifestações nos limites restritos pelo regime e aceitarem sua tutela, sob o risco de se verem enquadrados na Lei de Segurança Nacional.

A Carta Sindical foi assinada pelo então ministro de Estado dos Negócios do Trabalho e Previdência Social, Arnaldo Sussekind e entregue pessoalmente pelo presidente Castello Branco

